

Lisboa como palco de Ativismo e Política: curadoria e festival de filmes na produção de conhecimento sobre o direito à cidade

Eveline Stella de Araujo¹

Resumo

No artigo apresento, nos moldes de um relato de experiência, as reflexões parciais da produção da mostra *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade*, realizada em Lisboa, em Junho de 2016. A proposta do evento foi questionar os princípios políticos e econômicos que geram a exclusão social, utilizando os recursos de intervenções artistas no cinema. Parto da análise de filmes para sensibilização de um público heterogêneo encontrado em Lisboa, por ocasião das comemorações das festas de Santo Antônio, que atrai anualmente imensa quantidade de turistas europeus à cidade. Em 2016, houve também a presença significativa de brasileiros em função do VI Congresso Português de Antropologia realizado dias antes, em Coimbra.

A equipe de curadoria desta mostra foi composta por um antropólogo português, uma antropóloga-cineasta brasileira e um cineasta e performer anglo-brasileiro. O suporte teórico para a seleção dos filmes partiu do campo das Arte, da Antropologia e do Cinema. A mostra compôs um evento mais amplo denominado *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade*, que incluiu performances, colóquios e vivências teatralizadas dos temas sociais, político-econômicos e artísticos. A parceria entre Portugal – Brasil na organização da mostra foi um reflexo da construção de um diálogo entre narrativas locais e globais e dos processos de internacionalização das manifestações artistas. A recepção de filmes foi concebida como uma dialogia estabelecida entre realizadores (diretores e produtores de filmes) e a audiência, mediada pelo processo curatorial. A exibição foi definida por sua característica efêmera, temporária e afetiva

Palavras-chave: *Ativismo* e política. Cinema. Antropologia. Saúde pública.

1

Doutora em Saúde Pública, pela FSP-USP, pesquisadora do Grupo de Antropologia Visual – GRAVI-USP e do Núcleo de Antropologia Visual e da Arte – NAVA-CRIA-PT. É ainda integrante do Centro de Estudos de Religiosidades e Culturas Negras, CERNe-USP. Diretora e produtora do Cine Tornado Festival.

Abstract

In this article I bring partial reflections of production of the Art and Politics Reloaded? The Right to the City, the Film Festival, held in Lisbon in June 2016, like as an experience report. The purpose of the event was to question the political and economic principles that generate social exclusion, using resources *activist* interventions in the cinema. I started select films to raise awareness of a heterogeneous public at Lisbon, on the occasion of the celebrations of St. Anthony parties, which attracts every year huge amount of European tourists to the city. In 2016, there was also the significant presence of Brazilians in function of the VI Portuguese Congress of Anthropology, held days earlier, in Coimbra.

The team curators of this event were a Portuguese anthropologist, a Brazilian film anthropologist and an Anglo-Brazilian filmmaker and performer. The theoretical resources were supported this selection in the field of Art, Anthropology and Cinema. The screening composed a broader event denominated *Art and Politics Reloaded? The Right to the City*, it included performances, colloquia and theatricalized experiences of social, political-economic and artistic themes. The construction of a dialogue between local and global narratives and the internalization of activist movement were reflected the partnership between Portugal - Brazil in the organization of the movie viewing. The reception of films was conceived as the dialogue established between directors (directors and producers of films) and the audience, mediated by the curatorial process. The exhibition was defined by its ephemeral, temporary and affective feature

Keywords: *Activism* and politics. Cinema. Anthropology. Health public.

Introdução

A globalização das insatisfações com o sistema capitalista, gerador de constantes processos de exclusão social, cada vez mais visíveis por atingirem maior número de pessoas e grupos, torna imperativo os processos de reflexão social capazes de gerar ações concretas de resistência ou de inovações, na produção de novas formas de pensar a vida em sociedade, humanizando as relações entre classes sociais e entre os países. Os processos de visibilidade emergem dos conflitos sociais de caráter mundial estartados com a Primavera Árabe, sequenciado por todo planeta, pautando a questão

Lisboa como palco de artivismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

do acolhimento aos refugiados de guerra provenientes da África, da região do Curdistão e em menor escala da América Central. Outro movimento de deslocamento humano ocorreu em função do afrontamento econômico promovido pela Troika, na Europa, atingindo sobremaneira a Grécia, a Espanha e Portugal, e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (IBRD-IDA), na América Central e América do Sul. O processo de exploração capitalista parece ter chegado ao seu limite e a cada pessoa pesa suportar um sistema econômico que exclui e classifica seres em “mais humanos” e “menos humanos”, definindo-os como seres com mais direitos e dignidade do que outros. Esse sistema tem sido reproduzido em todas as esferas da vida social: saúde, educação, cultura e entretenimento, tornando a questão monetária superior à questão humanitária, onde tudo vira negócio com objetivo de auferir apenas lucro financeiro.

Várias formas criativas buscam refletir e superar essas classificações de humanos e são constantemente inventadas ou rearranjadas de modo a incluir quem se percebe de fora. No entanto, poucas reflexões questionam os princípios fundantes dessa lógica exploratória, a preocupação parece estar em ser contemplado por sistema, ou seja, busca-se de algum modo a inclusão em um sistema doente e desgastado, pois que associam desenvolvimento econômico à exploração humana, esquecendo-se que o ser humano tem um significado maior do que o monetário.

Assim, neste artigo essas questões aparecem na recepção de filmes, a mostra foi concebida como um diálogo estabelecido entre realizadores (diretores e produtores de filmes) e a plateia, mediada pelo processo curatorial. Essa relação tem uma característica efêmera, temporária e afetiva. Para compreendê-la é necessário contextualizá-la histórica e culturalmente. O suporte teórico desse processo curatorial partiu do campo das Artes, da Antropologia e do Cinema. John Berger (1999), em *Modos de Ver*, identifica como a estética é interpretada por códigos sociais. E se pensarmos que a estética tem uma aplicação social e, portanto, também cultural, temos Robert Stam (2000), que vem dos estudos culturais, a revelar que a história do cinema inclui, entre outros aspectos como a produção e análise do filme, a história dos vários significados atribuídos aos filmes pelo público, atualizando a proposta ou o enredo programado originalmente, a partir de

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

repertórios e vivências locais e/ou de grupos. Neste sentido, a experiência filmica é ao mesmo tempo compartilhada e única na exata medida em que os códigos sociais e culturais sejam compartilhados, experimentados, vivenciados e apropriados por cada pessoa de modo particular dentro de uma cultura compartilhada. Mas como pensar assim no sistema atual de deslocamentos humanos em massa?

Para Stam (2000, p. 228), o espectador passou a ser visto como detentor de um olhar sempre relacional:

As posições espectatoriais são multiformes, fissuradas, esquizofrênicas, desigualmente desenvolvidas, descontínuas dos pontos de vista cultural, discursivo e político, formando parte de um território mutante de diferenças e contradições que se ramificam. (STAM, 2000, p. 228)

Neste sentido, o espectador impacta e é impactado pela experiência cinematográfica em um processo dialógico, pois o espectador passa a ser culturalmente situado e entendido como participante ativo na significação do filme, afinal este será “bom” ou “ruim” conforme o endosso do público.

Ampliando a questão do repertório cultural e social, Bordwell considera o aspecto histórico como relevante e chama a atenção também para o aspecto da poética:

Ao ver um filme, o receptor identifica certas indicações que o incitam a executar numerosas atividades de inferência, que vão desde a atividade obrigatória e rapidíssima de perceber o movimento aparente, passando pelo processo mais ‘penetrável do ponto de vista cognitivo’, de construir, digamos, vínculos entre as cenas, até ao processo ainda mais aberto de atribuir significados abstratos ao filme. Na maioria dos casos o espectador aplica estruturas de conhecimento às indicações que reconhece dentro do filme. (BORDWELL, 1991, p. 3).

Para Bordwell (1991, 2001), os significados de um filme são construídos pelo intérprete, não estando congelados na obra em si. E nisso ele está em acordo com John Berger e Stam. Desta forma, Bordwell propõe

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

a construção de uma “poética histórica do cinema”, que consiste em uma análise de como, em determinadas circunstâncias, os filmes desempenham funções específicas e alcançam efeitos concretos.

Considerando esses aspectos da participação do público, no campo da performance, Raposo (2016, p. 83), reforça a denominação de “ativismo” como um conceito a ser utilizado na análise de protestos sociais. Para esse autor, em todas as ações artivistas “se inventam espaços de possibilidades e de resistência à repressão [...], se criam lugares de visibilidade do invisível [...], se disputam as versões dos arquivos oficiais”, contribuindo para a construção de repositórios alternativos de registros arte e de história. Nesse sentido, relacionando as artes performáticas com registros audiovisuais, Steel (2015) faz uma releitura da ‘contaminação afetiva’ de Deleuze ao propor que as energias colaborativas procuram novas perspectivas para conectar as artes de vanguarda às experimentações visuais transitando entre o hibridismo audiovisual e o performático como expressão de inquietações. De alguma forma, essas pesquisas apontam para o potencial de expressões coletivas de arte e dos meios visuais e sonoros que possam fazer repercutir ações locais, criando ecos e solidariedades globais, mediados pelas artes visuais.

No campo da Antropologia, o Cinema é entendido como uma prática social por Araujo e Gallo (2014), onde os recursos narrativos político-estético-sociais que os próprios agentes invisibilizados socialmente utilizam na linguagem fílmica são formas de dar a conhecer um ‘olhar de dentro’, referindo-se ao termo desenvolvido por Magnani (1998). Esse lugar de pesquisa, ou seja, a produção artístico-cultural da periferia foi também trilhado por Hikiji (2008), quando realiza o mapeamento das expressões culturais de Cidade Tiradentes (SP). A estratégia de inclusão social a partir das artes é aplicada por vários projetos sociais² no Brasil, entretanto ainda com uma reflexão superficial sobre os desdobramentos sociais, em regiões que enfrentam conflitos. Há muita desconfiança com relação às ONGs de fora e que se inserem nas comunidades. O que temos acompanhado é que os moradores preferem apostar em Coletivos de Artes formados dentro de seus territórios para atuar na formação artística, politicamente informada, como sugere Dassoler (2012), Araujo e Gallo (2014), Hikiji (2014).

Desta forma, a produção de filmes e o cinema como espaço cultural são pensados, para além do entretenimento, como prática social do cinema

2

Alguns exemplos dessa proposta de circuito alternativo podem ser encontrados em “A redescoberta da periferia no cinema” – Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/njsaoremo/?p=3233>>, no Fórum Itinerante de Cinema Negro – Disponível em: <<http://ficine.org/>>, e no Cine Tornado Festival – Disponível em: <<http://cinetornadofestiva.wixsite.com/cinema>>.

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

gerando algumas reflexões e necessidades: como pensar os circuitos de exibição para além do *mainstream*? E como pensar esses circuitos de modo que atinjam um público para além dos espaços onde foram realizados?

Neste artigo, portanto, procuro nos moldes de um relato de experiência, trazer reflexões parciais da produção da mostra *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade*, realizada em Lisboa, para questionar os princípios políticos e econômicos que geram a exclusão social, a partir de intervenções artistas no cinema. Em uma multiplicidade de ações como conferências, debates, performances, oficinas e exibição de filmes, no evento *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade* foi discutido as temáticas da gentrificação, da participação social e dos espaços urbanos cada vez mais turistificados, promovendo a interação internacional entre artistas, ativistas e investigadores sociais com o objetivo de sensibilizar a população com arte. As reflexões tiveram como ponto de partida a atuação de artistas sobre as lógicas dos padrões políticos e econômicos que interferem na dinâmica de urbanização das cidades, provocando a exclusão e o afastamento de grupos sociais, afetando as classes menos favorecidas, traduzidos, em Portugal, por grupos de imigrantes, originários de ex-colônias portuguesas e refugiados do Leste Europeu, do Oriente Médio, da Ásia ou da Grécia. No Brasil, essas populações são constituídas por povos indígenas, migrantes internos do nordeste para o sul e mais recentemente por imigrantes e refugiados da África, América Central e Oriente Médio. Constata-se, no Brasil, uma exploração inicialmente interna e autofágica, enquanto que em Portugal há a reprodução de uma exploração externa nos moldes dos países capitalistas dominantes, ainda que esteja sob o domínio da Troika, reproduz o sistema em escala menor.

O evento ocorreu em três espaços principais: Espaço da Penha, Hangar e auditório do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Este artigo está concentrado na análise da produção e recepção da mostra *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade*, que integrou esse evento mais amplo. A seleção dos filmes foi organizada por um processo curatorial pensado em blocos: *Portugal em Foco*, *Cenário Internacional* e *Brasil: Mostra a tua cara*, exibidos em dois espaços, primeiro em uma cabine, no Espaço da Penha e, segundo em um auditório, no ISCTE-IUL.

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

O objetivo foi analisar dinâmica de curadoria dos filmes para sensibilização de um público heterogêneo, encontrado em Lisboa, por ocasião das comemorações das festas de Santo Antônio, que atrai anualmente imensa quantidade de turistas europeus para a cidade. No ano de 2016, em especial, em função do VI Congresso Português de Antropologia, realizado em Coimbra dias antes do evento, atraiu também número significativo de brasileiros para a região. Analiso também os processos de solidariedade empreendidos entre esses dois países, seja pelo apoio de brasileiros aos processos sofridos em Portugal pela Troika, seja o apoio dos portugueses aos brasileiros no movimento “Fora Temer”, mobilizado em todo mundo, contra o golpe político no Brasil.

Na equipe, tanto do evento geral como da mostra, pesquisadores e artistas brasileiros e portugueses estiveram em reunião mediada pelo sistema virtual Colibri, Facebook e troca de emails para a definição de todas as atividades. Deste grupo maior, três pesquisadores foram designados para as atividades da mostra de filmes, pensando a curadoria e a forma de exibição, ao mesmo tempo em que auxiliavam em outras atividades. Desta forma, a equipe de curadores procurou identificar as ações diretas em busca por visibilidade e voz, nos territórios das metrópoles com repercussão nos territórios virtuais, a projetar em filmes as performances e o ativismo local e global, que colocassem em questão os abusos da prática capitalista. Afinal, qual o tipo de capital que queremos? E por que o capital monetário é atualmente o definidor das classificações de humanidade? Essas são algumas inquietações que nortearam a reflexão apresentada a seguir.

Com esse propósito, a equipe de curadores³ dessa mostra foi composta por um antropólogo português, especializado no campo das artes performáticas; uma antropóloga-cineasta brasileira, especializada em territórios das periferias, e por um cineasta e performer anglo-brasileiro, especializado em intervenções em espaços públicos. A seleção dos filmes foi realizada a partir de chamada pública em português e inglês com divulgação na internet: no site do Cine Tornado Festival parceiro do evento, no site do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA-PT) e na página do evento no Facebook. A mostra foi organizada prevendo dois modos de exibição: o primeiro em uma cabine montada pelos participantes

3

Equipe de curadoria na ordem
que aparece no texto: Paulo Raposo;
Eveline Araujo; Roderick Steel.

Lisboa como palco de artivismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

na entrada do Espaço Cultural da Penha e o segundo em um auditório do ISCTE-IUL, ambos Lisboa.

No primeiro espaço, os participantes puderam inscrever suas motivações artivistas nas paredes da cabine, com capacidade média de três lugares, as cadeiras eram ocupadas conforme o fluxo de interesse, de modo rotativo e inconstante. A proposta com esse modelo de exibição foi a sensibilização aleatória, ou seja, independente da composição dos filmes, cada um deles bastaria para gerar pensamentos questionadores e reflexivos e uma eventual conexão entre os filmes teria um caráter mais fugidio. Nesse espaço, a cabine foi construída pelos participantes das oficinas, transeuntes que passavam no local e os organizadores, entre os dias 5 e 6 de Junho de 2016. No dia 7 do mesmo mês foram exibidos mais de 60 filmes, entre curtas, médias e longas-metragens, em sistema de *pull* – ininterrupto – a partir das 9h da manhã até às 6h da tarde. Simultaneamente, nesse mesmo espaço cultural havia na programação outras atividades, que ora ocorriam dentro do Espaço Cultural da Penha – onde se localizava a cabine –, ora no espaço público próximo. Eram palestras; vivências experimentais; instalações; debates sobre casos reais de exclusão social e descaso das autoridades, relacionados ao processo de gentrificação das cidades.



Figura 1 :: Montagem da cabine de exibição de filmes no Espaço da Penha, em Lisboa

Fonte :: Do autor.

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo



Figura 2 :: Registro da montagem da cabine
Fonte :: Do autor.



Figura 3 :: Lateral da cabine de exibição
Fonte :: Do autor.

Lisboa como palco de artivismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

Esse modo de fazer o visionamento foi potencializado pela sensibilização promovida pelas atividades simultâneas proporcionadas pelo evento como um todo e os participantes puderam interagir com mais propriedade e com reflexões mais densas em todos os espaços do evento e fora dele, como nos momentos de refeição nos coletivos de arte, parceiros do evento.

O segundo modo de exibição foi no auditório do ISCTE-IUL, na Universidade de Lisboa, composto pelas sessões: *Portugal em Foco*, *Cenário Internacional* e *Brasil: Mostra a tua Cara*, em uma vivência mais próxima do sistema de exibição convencional. Entretanto, em cada sessão foram programados vários curtas-metragens. Esse sistema permitiu a elaboração de um panorama composto por três grandes cenários de artivismo político-social: o primeiro tratando das várias inquietações políticas e econômicas que afetam as cidades em Portugal, marcadas por intenso processo de turistificação e gentrificação; o segundo, um caleidoscópio mundial com filmes curdos, ingleses, africanos entre outros, traçando um desenho da situação global; e o terceiro, constituído por filmes brasileiros, a exigir uma satisfação diante da eterna exploração do país pelas grandes potências econômicas, gerando a marginalização social, econômica e política a que os brasileiros têm sido impingido a viver em troca de favorecimentos escusos, destacando as diversas formas criativas que encontramos de sabotar e sobreviver a tudo isso, fazendo o que fazemos de melhor, Arte. Arte com cinema, arte com grafite, arte com música, arte como parte do cotidiano.

Na exibição no ISCTE-IUL, as três sessões foram seguidas, com pequeno intervalo entre elas, nas quais ocorreram três intervenções. A primeira, da antropóloga brasileira Kelen Pessuto, na sessão *Cenário Internacional* comentando sobre o cinema curdo a partir da exibição do filme *Meanwhile* (12', 2014), do diretor Savas Boyraz, importante para dar visibilidade a essa produção e compreender a situação do povo do Curdistão, que sofre com a fragmentação de sua base étnica com as constantes guerras no Oriente Médio. A segunda, foi na sessão *Brasil: Mostra a tua Cara*, onde o antropólogo italiano, naturalizado português, Lorenzo Bordonaro, comentou o filme *Ocupação* (20', 2016), do diretor Luciano Freitas, sobre a intervenção artística em um hospital psiquiátrico desativado e ocupado por sem-tetos, no nordeste do Brasil, elaborando questões sobre os processos

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

de exclusão social e a pobreza, em uma aproximação conceitual com a proposta de Nise da Silveira (1986). E, por fim, as realizadoras Carolina Abreu e Marianna Monteiro comentaram sobre a produção do filme brasileiro *Pedra Balanceou* (24', 2015), no qual a intervenção urbana feita por grupo de teatro problematiza a herança histórica de precariedade econômica, da diversidade cultural e da discriminação a partir do folclore do Nego Fugido, propondo a sua atualidade narrativa diante das agressões aos moradores das periferias.



Figura 4 :: As três intervenções: Kelen Pessuto, Lorenzo Bordonaro, e a dupla de realizadoras, Carolina Abreu e Marianna Monteiro, e parte da audiência no Auditório do ISCTE-IUL

Fonte :: Do autor.

Toda a programação foi disponibilizada na internet no site do Cine Tornado Festival⁴ e divulgada no Facebook⁵ na página criada para o evento. Para a exibição no ISCTE-IUL, foi produzido um catálogo com informações sobre os filmes e os diretores, considerando atingir um público maior e mais constante do que o da cabine e para dar mais visibilidade para as temáticas abordadas nos filmes, também divulgado nos dois espaços virtuais. Em função da falta de verba, não foi feito o catálogo com os filmes da cabine.

Um exercício de curadoria e relativização: filmes selecionados e visionamentos

Ao escolher filmes sobre uma determinada temática, porém com abordagens bastante distintas, nos foi proposto relativizar a temática

4

Disponível em: <<http://cinetornadofestiva.wixsite.com/cinema/blank>>.

5

Disponível em: <<https://www.facebook.com/artepoliticareloaded/?fref=ts>>.

duplamente, seja um filme relativizado em outro, com a proposta de curadoria, seja a relativização por diferentes opções de visionamento, no caso, com público direcionado – os chamados coletivos – e em outro, com um público genérico e heterogêneo. Optei por trazer a análise sobre o visionamento de dois filmes que foram exibidos tanto na cabine do Espaço da Penha quanto no Auditório do ISCTE-IUL, e também em outros contextos de exposições para tratar desses diferentes modos de programá-los.

O primeiro filme é *Izabel, Facas e Flores* (2014), de Heloísa Barbat, uma coprodução Brasil-Itália, que trata das MCs das periferias de São Paulo. A diretora do filme, Heloísa é brasileira, ex-moradora da periferia, atualmente mora na Itália, a realidade dessas mulheres por ela filmadas não é distante de uma situação histórica vivenciada anteriormente, o que não significa total identificação com as mesmas. As mulheres retratadas no seu filme são das diversas periferias de São Paulo, e cada periferia tem já um aspecto histórico, social e cultural que a distingue das demais. A utilização de uma metalinguagem surge no filme quando a diretora faz a opção de conhecer essas várias periferias a partir das apresentações teatrais de *Izabel*, uma atriz que escreveu e montou a peça teatro que dá nome ao filme, baseada nas muitas histórias de mulheres abandonadas por seus companheiros e que tem seus sonhos de um dia se casar destruídos. Referindo-se as muitas mulheres chefes de família que assumem casa, filhos, sustento da família entre outras tarefas sociais. Portanto, aborda a questão de gênero, mas também a questão da repetição histórica de experiências vividas, como se fosse esse o fado das mulheres da periferia.

O segundo é *Phatyma* (2010), de Luiz Chaves e de Paulina Chiziane, escritora moçambicana, o filme trata da infância feminina em Moçambique. Vê-se já uma mediação, com um diretor e, portanto, um olhar masculino sobre uma questão feminina, isso é importante ressaltar posto que na África não se admite mulheres sem homens, elas sempre devem estar sob o cuidado de um pai, um irmão, um marido. Isso por si já está dado na direção do filme, é o texto de uma mulher dirigido por um homem. O filme opta por uma linguagem que mistura vídeo-arte com episódios do cotidiano das meninas de Maputo, capital de Moçambique, e terra do escritor e poeta Mia Couto. Nesse território, as meninas não podem ir à escola, não podem

questionar ordem dos maridos, pais, ou irmãos, são sempre submissas à vontade masculinas, que a todo o momento no filme é colocada em causa pela adolescente Phatyma, personagem principal. Ela deseja um mundo diferente para viver. As expressões de vídeo-arte projetam sonhos e engendram situações para além do vivido, o escape do real. Este filme tem tido alguma repercussão no Brasil, em função do acolhimento de refugiados africanos vindos de vários países, e as mulheres africanas estando neste país conseguem se livrar em parte do jugo, por conta da legislação, ou seja, não podem apanhar, não podem ser obrigadas a fazer sexo, falam com autoridade. Essas mudanças têm provocado grande conflito tanto na formação das crianças que agora vivenciam outra realidade, quanto nas relações de casamento, pois há que se adaptar as novas circunstâncias.

O primeiro filme, *Izabel, Facas e Flores* (2014) foi exibido na Itália, pela diretora, para senhoras de uma comunidade interiorana, e segunda a diretora do filme, Heloísa Barbati, houve uma indignação porque essas mulheres não se assumiam como mães, ou seja, o papel principal dado às mulheres na comunidade em que o filme foi visto. As personagens do filme precisavam assumir o papel de chefe de família, gerando um desconforto para a audiência, que não tinha repertório para compreender tal situação.



Figura 5 :: Capa do filme *Izabel, Facas e Flores*, de Heloísa Barbati

Além das exposições em Lisboa, por ocasião da mostra *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade*, o filme foi também visionado no Brasil, em pelo menos três circunstâncias: a primeira no Laboratório de Imagem e Som

Lisboa como palco de artivismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

em Antropologia (LISA-USP), ocasião em que tomei conhecimento desse filme e projetei algumas possibilidades de programação, a reação esteve muito marcada pelo impacto social das comunidades apresentadas no filme e pelo papel de guerreiras assumido pelas mulheres protagonistas: “Como com tantos problemas elas conseguem dar conta?”, no fundo não é uma opção dar conta, é uma necessidade de sobrevivência. O segundo visionamento ocorreu na Faculdade de Saúde Pública da USP, sob minha coordenação, para alunos do curso de graduação em Saúde Pública, na disciplina Comunicação e Saúde, a plateia foi de homens e mulheres de 19-23 anos. Neste contexto de visionamento, as inquietações foram sobre as condições de vida, um ambiente caótico, desorganizado, com pouca infraestrutura e, no entanto, admiração porque no meio de tudo isso havia uma organização cultural com o intuito de motivar reflexões sobre o automatismo da vida, sobre o mecanicismo imposto pelo sistema de trabalho, e a criação de relações de solidariedade e de lazer na comunidade. O terceiro visionamento, em Curitiba, no Cine Tornado Festival, em Julho de 2015, para uma plateia heterogênea tanto em idade quanto ao gênero. É preciso que se diga que a dinâmica da cidade de Curitiba em nada lembra São Paulo. É tida como uma cidade planejada, limpa, organizada, entretanto as pessoas são tidas como frias, pouco relacionais, o que vem se modificando nos últimos 10 anos. Neste contexto, os comentários foram em torno das condições de vida, da falta de infraestrutura nos bairros de periferia e a questão das ocupações irregulares, uma realidade que emerge em Curitiba com mais impacto nas últimas duas décadas, as questões foram “como evitar que nossa cidade fique assim?” e “o que é possível fazer para que a realidade dessas mulheres mude?”, apontando para uma noção de proteção e solidariedade ao mesmo tempo.

O impacto do visionamento desse filme na mostra *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade* trouxe a identificação de que o que acontece com as brasileiras moradoras das periferias em São Paulo é semelhante ao que acontecem com os imigrantes dos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – ex-colônias portuguesas em Lisboa. É preciso sempre criar situações de apoio comunitário para dar conta de sobreviver, o contato constante com situações de extrema pobreza exige a construção de estruturas e estratégias sociais informais apoio.

Lisboa como palco de artivismo e política: curadoria e festival de filmes na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

O segundo filme *Phatyma* (2010) foi exibido em São Paulo, no evento *Respeito à Diferença: conhecendo melhor os refugiados*, em Maio de 2016, no Centro Cultural Jabaquara. Esse evento foi produzido pelo Grupo de Refugiados e Imigrantes Sem Teto (GRIST) e trouxe a questão do país africano Congo, imerso em uma guerra contínua devido à exploração de minérios que compõem a fabricação de celulares. Nessa realidade de guerra, entre as estratégias para enfraquecer a população local estão estupros de mulheres e meninas, o saqueamento de comunidades e o apoio dos EUA aos países vizinhos para a manutenção do estado de guerra, mantendo o domínio no preço de venda do minério. Neste caso, o próprio contexto de visionamento já estava marcado por inúmeros conflitos, com vários pedidos de apoio a divulgação da situação do Congo e uma solicitação formal para que a guerra no local pare, foi denunciado ainda o papel dos países europeus que permanecem em conchavo com os dirigentes dos países em conflito, um poder pós-colonial que não se destrói. Especificamente em relação ao Congo, trata-se da Bélgica e da França, mas nos demais países africanos como essa relação se mantém?



Figura 6 :: Capa do filme *Phatyma*, de Luiz Chaves e Pauline Chiziane

Em São Paulo, houve efetivamente maior presença de descendentes africanos e de africanos refugiados. Para as mulheres brasileiras a questão que ficou foi porque lá ainda tratam a mulher assim, ao mesmo tempo em

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

que uma reflexão de porque também não assumimos que isso é assim no Brasil. Por oposição ao filme anterior, às mulheres das periferias sem maridos que assumem todos os encargos são sim estigmatizadas por serem mulheres sem marido, às mulheres e meninas africanas isso é imposto, mas também não lhes garante uma proteção eficaz, visto que estão expostas e sujeitas aos efeitos da guerra e a tradição não foi capaz de poupá-las dos sofrimentos, portanto uma relativização total do papel social da mulher e da forma como ela educada para a sociedade em que vive. O contato das refugiadas com as brasileiras nesses eventos transculturais faz com que percebam a necessidade de terem alguma autonomia, até porque muitas vieram sozinhas ou com filhos fugidas de seus países e devem agora recomeçar com novas bases que lhe garantam o sustento. A exibição causou incômodo, reações de “o que vocês têm a ver com isso?” “Esse é o nosso jeito?”, mas como se adaptar, se não questionando esse “jeito”?

Posteriormente, foi exibido duas vezes em Lisboa, uma na cabine no Espaço da Penha, para um público mais dirigido e envolvido com ativismo e outra no Auditório do ISCTE-IUL, dentro da programação da mostra *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade*, para um público mais diversificado. No contexto português, o filme trouxe questões relativas aos imigrantes provenientes de Moçambique e as diferenças culturais a serem compreendidas, entretanto, também houve comentários sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea e como superar as questões locais da cultura em relação aos direitos humanos, que têm características globais e universalizantes, são dilemas do cotidiano a buscar respostas.

Outro visionamento desse filme ocorreu em Curitiba, no Cine Tornado Festival, em Novembro de 2016, em sessão destinada a problematizar a questão dos “invisibilizados”, ocasião que o público teve contato com essa e outras narrativas propositalmente obscurecidas pelo sistema hegemônico e, entretanto, emergentes pelas questões de saúde pública decorrente dos diversos deslocamentos humanos sejam de imigrantes ou refugiados. Reclamando uma necessidade de acolhimento social desses grupos para evitar conflitos sociais de maiores proporções, com a adaptação ao novo local e as novas regras sociais e também a compreensão local das diversas lógicas culturais de relacionamento social, como a dos refugiados africanos, a dos latino-americanos e a dos provenientes do Oriente Médio.

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

Na ocasião dessa exibição, foi marcante a narrativa sobre os modos de educar apresentado no filme e a forma local: “em quais situações nos portamos de modo inadequado e já culturalmente estabelecido?”, “como percebê-las?”, “como ajudar sem interferir em uma situação que envolva refugiados?”. A proposta dessas exposições foi tornar o imageticamente distante mais familiar para os espectadores, possibilitando a projeção situações em que venham a se deparar no seu cotidiano, agora definitivamente globalizado e sem fronteiras.

Resultados e considerações finais

Na cabine construída pelos participantes e organizadores no Espaço da Penha foram rodados mais de 60 filmes em sistema *pull*, inicialmente previsto para exibição em dois dias, porém acabou ficando somente em um dia, pois foi necessário solucionar algumas questões técnicas nos equipamentos para dar a sincronização. Devido à rotatividade no visionamento, o que podemos ter é apenas uma estimativa de público, algo próximo de 60 pessoas, se considerado os participantes das atividades paralelas que ocorrem no dia da exibição. Essa questão poderá ser resolvida parcialmente com a inclusão de um livro de assinaturas, semelhante aos que existem em museus ou exposições, em futuras exposições. Dentre os comentários colhidos nos jantares dos coletivos foi marcante a relação percebida entre o conteúdo dos filmes e as demais atividades no Espaço da Penha, o que parece ter colaborado para um reforço na sensibilização para as temáticas abordadas no evento como um todo. Com relação à divulgação na internet, começamos com 127 *likes* no dia que antecedeu ao início das atividades seguindo para 213 *likes* no dia da exibição na cabine, considerando a postagem com maior repercussão no Facebook. Com isso é possível considerar também uma participação virtual de acompanhamento das atividades para além do público presencial, ou seja, um público potencial alcançado pela divulgação. Sendo que a primeira postagem sobre o evento como um todo atingiu 547 pessoas.

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo

No auditório do ISCTE, a preocupação com a composição da sequência de exibição teve como propósito construir um grande painel mental sobre as questões trazidas a partir de cada um dos etnocenários propostos e citados no método e produzir um conhecimento por imersão, otimizado pelo processo provocativo e sensibilizador, do dia anterior. No total foram 22 filmes de curta-metragem: oito filmes em *Portugal em Foco*, sete filmes em *Cenário Internacional* e seis no *Brasil Mostra a tua cara*. Tivemos três conversas com a plateia: duas a respeito de produções brasileiras e uma sobre a produção de cinema no Curdistão, essas intervenções foram realizadas de acordo como a disponibilidade dos participantes, pois em alguns casos, como em *Portugal em Foco*, não pudemos contar um colaborador para discussão em função das atividades do congresso, que demandaram muito dos possíveis participantes. Em média, a audiência foi de 30 pessoas que, exceto alguma rotatividade, mantiveram-se nas três sessões. Entretanto, a participação virtual foi bem maior do que a esperada, se observarmos os *feedbacks* do Facebook.

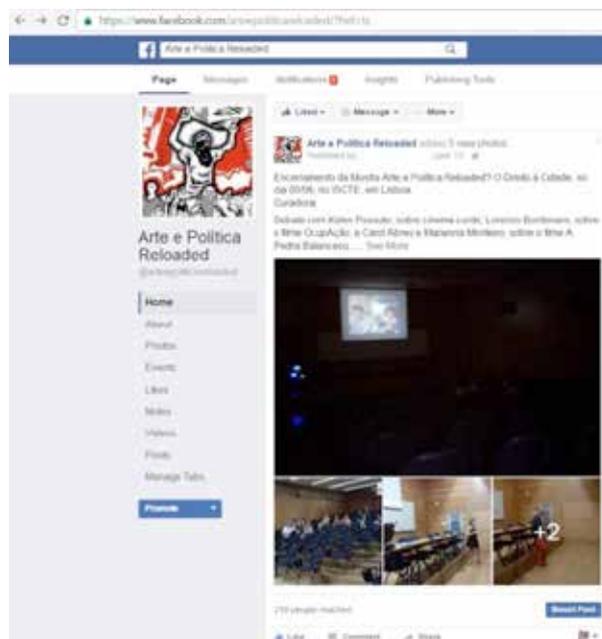


Figura 7 :: Página do evento no Facebook

Lisboa como palco de ativismo e política: curadoria e festival de filmes
na produção de conhecimento sobre o direito à cidade
Eveline Stella de Araujo



Figura 8 :: Imagem do cartaz e catálogo da mostra no CTF

Quanto a divulgação no site do Cine Tornado Festival e na página do evento no Facebook, sobre essa exibição em particular, revelou maior variação, inicialmente foram 58 *likes*, no dia anterior a exibição no ISCTE-IUL, para 219 *likes*, com a postagem das fotos do evento no ISCTE-IUL. Essa grande variação parece ter ocorrido em função de muitos participantes estarem envolvidos nas atividades de performance e de deslocamento e, quando tiveram tempo para aceder as informações, então, curtiram e comentaram as fotos. As postagens do Facebook não foram impulsionadas, ou seja, contaram apenas com a rede direta dos pesquisadores, artistas e coletivos envolvidos na produção. Datam de 12 de Junho de 2016 as últimas postagens referentes à exibição no ISCTE-IUL, quatro dias após o evento.

A sensação e sensibilização do evento perduraram por um tempo maior que o imediatismo das ações propostas, gerando reflexões e busca pelo tema mesmo dias mais tarde. Os efeitos para a equipe de curadores foram diversos, no meu caso recebi convites para avaliação de artigos científicos na área de ativismo e cinema, convites para compor outros projetos como "Saúde em Cena", orientações de curtas-metragens e júri de festivais, entretanto esse movimento parece-me indicar não somente uma simples repercussão profissional frente a produção realizada, mas a projeção de uma forma de fazer curadoria político-social de filmes que emerge também como estratégia, como lugar narrativo dentro da prática social do cinema.

A montagem da mostra *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade*, compondo o evento de mesmo nome como uma das atividades de reflexão, questionamento e vivência dos temas sociais, político-econômicos e artísticos, procurou construir um diálogo local e global sobre as iniquidades, sobre os invisibilizados, sobre questões sociais que mais dia menos dia irão afetar diretamente o cotidiano de todos. A parceria na organização da mostra entre Portugal – Brasil refletiu também essa preocupação, com a similitude dos etnocenários trazidos. Os coletivos de arte em Lisboa funcionaram como uma estrutura não só de apoio como de socialização e confraternização, tendo nos momentos das refeições ou *happy hour*, oportunidade em que foram colhidos alguns *feedbacks* sobre as ações do evento como um todo e, também, para aproximar laços sociais entre os grupos de artistas, pesquisadores e organizadores dos coletivos de arte.

A partir do aporte teórico trazido para pensar a curadoria dos filmes em diferentes práticas de exibição e visionamento foi possível desvelar o papel da curadoria, com a relativização um filme com a sequência de outros e o de tratar temas locais e globais de modo provocativo, gerando inquietações e um deslocamento da zona habitual de conforto. Concluo que o cinema tem outras funções, muito além do entretenimento ou função educativa. O cinema como uma prática social, pode ser uma estratégia de atuação, um modo de olhar para dentro e um projetar para fora, que provoca reflexões. O cinema para além da conservação de uma memória, constrói uma crítica social onde o espectador participa com seu repertório – histórico-social e cultural – para significar outras experiências, produzindo diálogo a respeito dos temas promovidos pelos filmes. A poética nesta proposta de cinema está na capacidade de sensibilização para os temas, na inquietação inclusive sensorial que provoca, isto é, o corpo sofre e sente os assuntos abordados e assim traduz sensações e percepções em elementos mais reconhecíveis e mais significativos.

Referências

ARAUJO, Eveline Stella de e Gallo, Paulo Rogério. *A percepção na montagem fílmica como processo de ordenação interior*: filmes produzidos

por jovens em Sapopemba – periferia de São Paulo. Ponto Urbe [Online] – Revista de Antropologia Urbana da USP, 2014, v. 1, n. 15. Disponível em: <<https://pontourbe.revues.org/2438>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

ARAUJO, Eveline Stella de; STEEL, Roderick. 2014-. *Cine Tornado Festival*. 1 festival de filmes. Disponível em: <<http://cinetornadofestiva.wixsite.com/cinema/brasil-2016>> e <<http://cinetornadofestiva.wixsite.com/cinema/mostra-2015>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

BARBATI, Heloísa. 2014. *Izabel, Facas e Flores*. 1 filme, son., color., 14'36". Disponível em: <<https://vimeo.com/120495358>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BORDWELL, David. *Making meaning: inference and rhetoric in the interpretation of cinema*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

BORDWELL, David. *Film art: an introduction*. New York: McGrawHill, 2001.

CHAVES, Luiz; CHIZIANE, Paulina. *Phatyma*. 1 filme, son., color., 9'49". 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NBKbFGxM1-k>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

DASSOLER, Elisa Rodrigues. Do triângulo da morte ao círculo das artes: um olhar sobre a movimentação cultural da periferia Sul de São Paulo. In: Coloquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros, 1. São Paulo. *Proc. online...* Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000132012000100012&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 24 maio 2013.

FREITAS, Luciano. *Ocupação*. 1 filme, 20 min., son., cor. Brasil. 2016

HIKIJ, Rose Satiko Giritana. *Cinema de Quebrada*. 1 filme, son., color. São Paulo: LISA-USP. 2008. Disponível em: <<https://vimeo.com/31596995>>. Acesso em: 6 jun. 2012.

HIKIJ, Rose Satiko Giritana. Os filmes da quebrada e o filme da antropóloga. In: Wilq Vicente. (Org.). *Quebrada? Cinema, vídeo e lutas sociais*. 1. ed. São Paulo: PRCEU / USP, 2014. v. 1, p. 147-175, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Hubitec, 1998.

MALTA, Gabriela. s/d. *A redescoberta da periferia no cinema*. In: Notícias do Jardim São Remo. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/njsaoremo/?p=3233>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

OLIVEIRA, Janaína; CARDOSO, César Schofield. *Fórum Itinerante de Cinema Negro*. 1 site. 2013. Disponível em: <<http://ficine.org/>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

RAPOSO, Paulo. A “Revolta das Barcas”: sobre o silenciamento performativo e imaterialidade do protesto na (in)visibilidade contemporânea das periferias urbanas. *GIS: Gesto Imagem e Som – Revista de Antropologia*, v. 1, n. 1, p. 59-88, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/gis/article/view/116348/113939>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

SAVAS, Boyraz. *Meanwhile*. 1 filme, 12 min., son., cor. Curdistão. 2014.

SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

STAM, Robert. *Film theory: an introduction*. Malden Mass: Balckwell Publishers, 2000.

STEEL, Roderick Peter. *Moléculas de contaminação afetiva em “Moonvosol”*. *Revista Movimento: Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP*, v. 1, p. 20-31, 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B9QmzrRhYrmsX1JEbFhvRXgtT3M/view>>. Acesso em: 4 out. 2016.

Recebido em 01/11/2016

Aprovado em 11/04/2017